

O PAPEL DO INTELLECTUAL NO TERCEIRO MUNDO PÓS-MODERNO

Gentil L. de FARIA*

Numerosas definições do termo **intelectual** podem ser encontradas em qualquer dicionário, mas para o objetivo deste trabalho é suficiente reter apenas o significado etimológico. Sua origem é latina e vem do verbo **intelligere** que significa **ler entre**, ou seja, entender, discernir. O uso histórico do vocábulo consagrou como verdadeiro intelectual aquele que trabalha mais com as coisas da mente do que com as coisas da vida prática.

Ao contrapor a atividade intelectual ao trabalho físico, é necessário saber que não existe ocupação humana em que se possa excluir a interferência do intelecto. Assim, mesmo numa produção em linha de montagem existe um mínimo de criatividade. Ao rejeitar uma distinção nítida entre as duas categorias, podemos dizer de uma maneira simplista que todo homem é intelectual mas poucos desempenham uma função intelectual na sociedade moderna.

Embora **homo faber** e **homo sapiens** sejam inseparáveis. O intelectual tem sido considerado como aquele que está filosoficamente preocupado com as questões do ser, sociedade, natureza e cosmos. Constituem os intelectuais um grupo social independente e autônomo ou cada grupo social possui suas categorias específicas de intelectuais? Houve época em que eles eram legalmente iguais à aristocracia, com quem dividiam a propriedade da terra e os privilégios estamentais, mas hoje, especialmente no mundo industrial, suas funções como fazedores de opinião pública não são mais exclusivas.

A idéia de intelectuais como grupo prestigioso é encontrada em Platão quando postulava uma melhor posição social para o filósofo, termo

* Docente do Departamento de Letras Modernas-Instituto de Biociências e Letras-UNESP-Campus de São José do Rio Preto

que poderia ser o equivalente a intelectual no sentido moderno. Ficou famosa sua afirmação de que não havia esperança para as cidades até que os filósofos se tornassem governantes ou os governantes filósofos. Segundo ele, a maioria tem percepção limitada e os filósofos são os únicos que possuem o conhecimento das idéias de Justiça e do Bem.

O próprio Platão fez algumas tentativas de colocar em prática suas idéias ao tentar entrar para a política em duas ocasiões, mas sem sucesso em ambas as vezes, como se pode inferir da leitura da sua Sétima Carta. Um exemplo ocorrido há pouco tempo é a derrota do aclamado intelectual peruano Vargas Llosa imposta por Alberto Fujimori, um obscuro mas rico homem de negócios nascido de ancestrais nipônicos, por ocasião da última eleição presidencial realizada no Peru. Após governar o país por alguns meses, Fujimori deu um golpe de Estado e assumiu poderes ditatoriais. Em nome da democracia, ele não hesitou em fechar o Congresso.

Intelectuais como um grupo também são mencionados na bíblia. Lucas narra Jesus Cristo, aos doze anos, *assentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e interrogando-os* (2:46). É fato notório que a Igreja estimulou a criação de uma categoria eclesiástica influente de intelectuais organicamente ligada ao Estado, a fim de aproveitar as vantagens de certos privilégios.

PÓS-MODERNIDADE

Lyotard definiu como pós-moderno o estado de nossa cultura após as transformações que, desde o fim do século dezanove, alteraram as regras básicas para a ciência, literatura e as artes. Ele situa essas transformações no contexto da crise das narrativas. O pós-moderno para ele seria então uma incredulidade, fruto do progresso da ciência, em direção às metanarrativas, resultantes da fragmentação das grandes narrativas.

O desenvolvimento do capitalismo trouxe uma mudança nas técnicas e na tecnologia e o acesso à classe dominante mudou após o aparecimento da cultura cibernética. Em consequência da supremacia tecnológica, os fazedores de opinião não são apenas os intelectuais, mas um grupo composto de líderes procedentes de diversos segmentos sociais, como os altos executivos, os dirigentes de organizações profissionais, partidos políticos e crenças religiosas.

A influência formalmente exercida por um intelectual como André Malraux sobre o presidente francês De Gaulle, por exemplo, é um dos últimos exemplos do prestígio de um intelectual no poder institucional.

Lenin exigia que os intelectuais se tornassem **revolucionários profissionais**. Suas idéias levaram à formação da intelligentsia russa e da noção de que os intelectuais deveriam estar associados aos partidos de oposição. A teoria de Sartre do artista **engagé** deriva dessa necessária oposição de esquerda claramente assumida pelos intelectuais.

Numa palestra provocativa feita em Harvard e mais tarde publicada no *New York Review of Books* (23/02/67), Chomsky afirmou que a responsabilidade dos intelectuais era *falar a verdade e revelar as mentiras*. O famoso lingüista e também cientista social foi um proeminente representante da Nova Esquerda dos anos 60, mas hoje em dia tem assumido posições mais conservadoras como figura de prestígio no MIT. Em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo* (19/06/93), ele advertiu que o próximo século será marcado por uma “terceirmundialização do planeta”.

Segundo Chomsky, algumas cidades americanas já assumiram a mesma cara das cidades do terceiro mundo e o modelo “terceiromundista” começa a abrir suas asas sobre os países ricos. Nesse sentido, Miami (e Nova York de certo modo) possui muitas semelhanças com São Paulo, Rio de Janeiro e cidade do México no tocante aos problemas sociais. Um claro sintoma do medo causado por essa preocupação é facilmente percebido nas barreiras impostas aos viajantes dos países pobres pela política discriminatória de concessão de vistos implantada pelos Estados Unidos e países europeus.

Analisando a decadência da intelectualidade americana, Russell Jacoby em seu livro polêmico *Os últimos intelectuais* demonstra que os novos intelectuais americanos trocaram as redações dos jornais e os cafés boêmios dos anos 40 pela estabilidade do câmpus universitário.

Isolando-se nas universidades os acadêmicos tornaram-se menos influentes por falarem a platéias pequenas, especialmente compostas de seus próprios colegas de áreas restritas. Para acabar com a isolação dos câmpus universitários, a tirania da especialização precisaria ser quebrada e os acadêmicos deveriam enxergar no público alfabetizado o seu auditório e não apenas o pequeno círculo da academia.

David Lodge escreveu um romance divertido - *Small World* no qual satiriza a vida acadêmica repleta de palestras, conferências e congressos,

comparando seus participantes aos peregrinos dos tempos de Chaucer *A conferência moderna*, escreve ele no prólogo.

assemelha-se às peregrinações do cristianismo medieval naquilo que permite aos participantes se entregarem aos prazeres e diversões da viagem enquanto aparentam estar austeramente dedicado ao próprio aperfeiçoamento. Seguramente, há certos exercícios de penitência talvez ler um trabalho e certamente ouvir os trabalhos de outros.

Uma das grande questões levantadas entre os acadêmicos americanos de hoje é a ditadura da correção política - **political correctness** - uma expressão controvertida muito conhecida pelas iniciais PC usada para cunhar um vago código de linguagem que proíbe certos termos que podem insultar as minorias raciais e étnicas. Em nome desse inusitado PC, acadêmicos têm sido processados por difamação e calúnia. Muito já se escreveu sobre isso e os calorosos debates criaram uma crescente bibliografia sobre esse assunto incômodo.

Uma outra questão que tem preocupado os acadêmicos é a política dos estudos culturais, especialmente a dicotomia estabelecida entre cultura **erudita** e cultura **popular** ou **de massa**. Durante os anos 60 a humanidade viu a explosão da indústria cultural que perturbou os intelectuais tradicionais que nutriam preconceitos contra a banalização da cultura estimulada pelos meios de comunicação de massa.

O novo fenômeno do consumismo e da afluência material, trazido pela cultura do descartável (*usou, joga fora*), estabeleceu uma polêmica feroz entre os acadêmicos, como o debate travado entre Susan Sontag e Camille Paglia a respeito da validade ou mesmo da existência de uma estética do gosto popular. Paglia, por exemplo, enaltece os Rolling Stones e a megaestrela Madonna; Sontag, ao contrário, torce o nariz para o que ela denomina de banalidades de mau gosto.

O antagonismo criado entre essas duas mulheres de enorme prestígio delinea a batalha do gosto cultural entre a intelectualidade americana e reforça a entronização da pós-modernidade nos câmpus universitários através do novo desrespeito à canonicidade da arte.

O TERCEIRO MUNDO

Pobreza e doença são as marcas características do Terceiro Mundo, que compreende uma vasta variedade de países pobres da África, Ásia e América Latina. Nesta obscura parte do planeta, onde a distribuição de renda é um crucial problema social, as expectativas a respeito do papel dos intelectuais são diferentes das do Primeiro Mundo.

Depois do colapso da União Soviética e a queda do muro de Berlim, o Segundo Mundo, representado pelos antigos países comunistas, não mais existe. Embora não haja razões para o uso dessa preconceituosa divisão triádica, o termo “terceiro mundo” permanecerá até o completo rompimento das barreiras injustas entre nações ricas e pobres.

Qual o papel do intelectual do terceiro mundo? Ele vivencia um cruel dilema entre passar para o lado rico da sociedade, assumindo fria indiferença ao sistema do capitalismo selvagem ou lutar para encurtar as desigualdades econômicas. Se escolher a primeira alternativa, ele será considerado um intelectual burguês alienado. Escolhendo a segunda, está imerso numa batalha infundável contra não apenas os defensores do *status quo*, mas também contra o natural ou inconsciente estado de apatia do povo humilde excluído do progresso social.

O papel da religião no terceiro mundo mereceria um estudo aprofundado, mas para o escopo desta Comunicação é suficiente lembrar que a Igreja tem se colocado historicamente ao lado da classe dominante. Poucas notórias e isoladas exceções ocorreram, mas como Instituição, ela tem reforçado a segregação social. Na Índia, por exemplo, existe um todo aparato ideológico que faz o povo acreditar que ser pobre é ser feliz e que a vida nada mais é do que sofrimento. Quando chegar a reencarnação, todos desfrutarão os prazeres do paraíso. Nesse sentido, o Hinduísmo, em certos aspectos, representa um forte freio no desenvolvimento social do país porque enfatiza o sistema de castas e a obediência ao conformismo. Se lembrarmos o que também ocorre na cultura muçulmana, não há necessidade para mais comentários.

Se a importância dos intelectuais independentes está diminuindo no primeiro mundo, no terceiro, entretanto, eles ainda representam uma força significativa a intervir nos negócios públicos. Sendo leitores críticos por excelência, eles não deviam ter comportamento menor ou flerte com o poder institucional para obter benefícios escusos. Devem ser independentes e conquistar a liberdade do livre pensamento.

Em virtude de a taxa de analfabetismo no terceiro mundo ser consideravelmente alta, os intelectuais gozam de extraordinária reputação entre as pessoas comuns. Por isso, é sinal de prestígio ser considerado um intelectual pleno. Um exemplo engraçado da disputa em ser ou não intelectual ocorreu com o presidente João Figueiredo, o último general a governar o país durante o regime militar, com Chico Buarque, respeitado ativista. Figueiredo disse em uma famosa entrevista que ele também deveria ser considerado um intelectual, pois sabia Matemática muito bem. Os ditos espirituosos de Figueiredo ficaram célebres e o imaginário popular muito dele aproveitou para criar piadas que marcaram sua tumultuada passagem na presidência da República.

Não causa surpresa o prestígio obtido na comunidade conferindo aos intelectuais um espécie de mecenato institucional. Antônio Cândido relata um exemplo expressivo colhido na experiência brasileira:

Muitos dos nossos maiores escritores, - inclusive Gonçalves Dias e Machado de Assis - foram homens ajustados à superestrutura administrativa. A condição de escritor funcionou muitas vezes como justificativa de prebenda ou de sinecura; e para o público, como reconhecimento do direito a ambas, - num Estado patrimonialista como era o nosso. Ainda depois da Revolução de 1930, certa reforma severa no então recente Ministério da Educação, obrigando os inspetores de ensino a desempenhar efetivamente os cargos, esbarrou em três eminentes escritores e os deixou à margem da exigência, reconhecendo desta forma o direito secular do homem de letras, cuja atividade específica justificava o desleixo das que lhe eram dadas por acréscimo.(p. 84)

Um manifesto, enfaticamente intitulado “Pela reconstrução ética do país”, assinado por mais de 300 intelectuais, pressionou o Congresso brasileiro a abrir um processo de **impeachment** contra o presidente Collor pelas fortes evidências de envolvimento com Paulo César Farias, seu tesoureiro de campanha política, numa rede para estorquir milhões de dólares em propinas e subornos.

O texto, entregue no final de agosto de 1992, poucos dias após o relatório da CPI do Congresso, está escrito numa linguagem incisiva típica de manifestos e tem o seguinte preâmbulo:

Nós, signatários deste documento, manifestamos a nossa mais visceral repulsa à corrupção e às imoralidades evidenciadas pela CPI do Caso PC Farias e exortamos as instituições a adotar, inflexivelmente, as providências legais cabíveis inclusive a abertura de processo de impeachment contra o atual Presidente da República (Folha de S. Paulo, 24/08/92).

Obviamente, os intelectuais brasileiros não foram os únicos responsáveis pela queda do presidente Collor. As imensas passeatas ocorridas em todo o país provaram ser muito eficientes e decisivas para criar uma atmosfera de revolta popular. Naqueles dias difíceis, os intelectuais eram convidados pelos meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, para participar de mesas-redondas e entrevistas.

Para se ter uma idéia da pressão exercida pelos intelectuais, é suficiente mencionar que três dos ministros de Collor, que permaneceram no poder até a queda final do presidente - Celso Lafer (Relações Exteriores), Paulo Rouanet (Cultura) e Hélio Jaguaribe (Ciência e Tecnologia) - foram severamente criticados pelos colegas por terem assumido uma conduta "indigna dos verdadeiros intelectuais". José Goldemberg (Educação), ao contrário, recebeu aclamação nacional por ter se retirado do governo alguns meses antes.

Finalmente, uma outra evidência do prestígio do intelectual no terceiro mundo é a escolha de Barbosa Lima Sobrinho, respeitado presidente da Associação Brasileira de Imprensa, aos 95 anos, juntamente com Marcelo Lavenère, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, para subscrever a extensa petição dirigida ao presidente da Câmara dos Deputados, cujo resultado final foi a decretação do impedimento de Collor. Pela primeira vez na história, um presidente do terceiro mundo teve seu mandato legalmente interrompido por crime de responsabilidade.

Se os intelectuais perderam a força e o prestígio no primeiro mundo devido à excessiva especialização e reclusão acadêmica, há ainda espaço no terceiro mundo para os intelectuais na terminologia de Gramsci, especialmente se dedicarem a uma nobre causa como as dos direitos humanos, por exemplo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade* 5 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CHOMSKY, N. The responsibility of intellectuals. In ... *American power and the new mandarins*. New York: Pantheon Books, 1969 p. 323-366

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura* Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979

JACOBY, R. *Os últimos intelectuais: a cultura americana na Era da Academia*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Trajetória Cultural, Usp, 1990

LODGE, D. *Small world*. London: Penguin, 1984.

LYOTARD, J-F. *The postmodern condition: a report on knowledge*. Trad. Geoff Bennington, Brian Massumi. Forward by Frederic Jameson. Minneapolis: Univ. of Minnesota Press, 1988.